

LÍNGUAS ÍNDIGENAS DO BRASIL - III

O Tronco Macro-Jê

Aryon D. Rodrigues

As evidências que temos para o reconhecimento de um tronco lingüístico Macro-Jê são menos claras que as que pudemos apresentar para o tronco Tupi. O constituinte maior deste tronco é a família Jê, que compreende línguas faladas sobretudo nas regiões de campos cerrados que se estendem do sul do Maranhão e do Pará, em direção ao Sul, pelos Estados de Goiás e Mato Grosso, até os campos meridionais dos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Nisso a distribuição geográfica da família Jê contrasta com a da família Tupi-Guarani, a qual se situa em áreas de floresta tropical e subtropical.

As línguas que hoje conhecemos da família Jê se subdividem nos seguintes grupos dialetais: (1) Timbira, que compreende as línguas dos índios Canela (Ramkókamekra e Apâniekra), Krikati e Pukóbie, no Maranhão, assim como dos Krahô em Goiás e dos Parakáete no Pará (São João do Araguaia); (2) Kayapó, que abrange as línguas dos Kubenkran-kegn, Kuben-kran-noti, Kokraimôro, Gorotire e Xikrin, no Pará, bem como dos

Txukahamã, Kren-akarore e Tapyúna no Parque Indígena do Xingu, em Mato Grosso; (3) Akwên, que inclui a língua dos Xavante, hoje em Mato Grosso, anos atrás também em Goiás, a dos Xerente, em Goiás, e a dos Xakriabá, em Minas Gerais, anteriormente também em Goiás; (4) Kaingáng, com as línguas dos Kaingáng nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e dos Xoklêng, em Santa Catarina. A língua Suyá, no Alto Xingu, está aparentada mais estreitamente com o grupo Kayapó. O mesmo se dá com a língua Apinayé, em Goiás (Tocantinópolis), apesar de seus falantes se considerarem descendentes dos Timbira. É verdade que a semelhança entre Timbira e Kayapó é muito grande, em contraste com o grupo Akwên, e, sobretudo, com o Kaingáng.

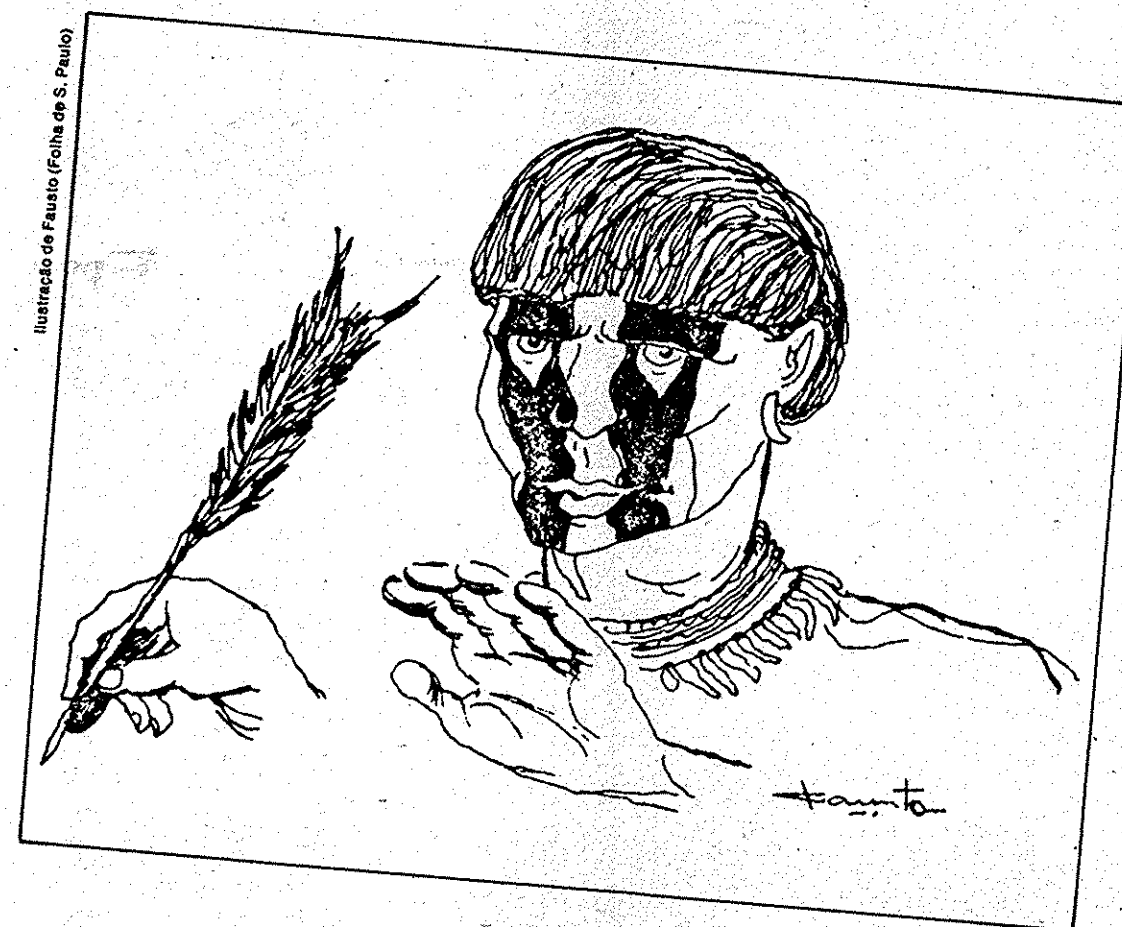
O Kaingáng é, realmente, o grupo mais diferenciado dentro da família Jê (há mais uma língua Jê, da qual muito pouco se pode dizer pelas poucas palavras que dela se conhecem, a língua já extinta dos índios Jaikô, que habitavam o Piauí até o século passado). Veja-se no quadro abaixo uma amostra comparativa das línguas desta família:

	Canela	Apinayé	Kayapó	Xavante	Kaingáng
pê	par	par	par	paara	pên
perna	tê	tê	te	te	fa
olho	tô	nô	nô	tô	kanê
chuva	taa	na	na	tã	ta
sol	pyt	myt	myt	bãadã	rã
cabeça	khã	krã	krã	rã	křin
pedra	khên	kên	kên	čênê	pô
asa, pena	haaraa	ãra	ãra	djêrê	fêr
semente	hyy	y	y	djã	fy
esposa	prô	prô	prô	mrô	prô

O tronco Macro-Jê compreende um grande número de famílias, além da família Jê. Em alguns casos, porém, o que temos são mais indícios do que evidências da filiação de certas famílias ou línguas a esse tronco. A constituição do tronco Macro-Jê é altamente hipotética ainda. Alguns dos seus membros são representados por línguas que ainda se falam, tais como o Maxakali, o Bororo, o Karajá, o Guató, o Ofayé, as quais têm sido estudadas modernamente e cujo conhecimento pode ser aprofundado. Outras, porém, já deixaram de ser faladas e delas só temos conhecimento através de documentos do passado, em geral muito precários. Esse é o caso de todas as línguas da família Kamakã (Kamakã, Mongoyo, Kotoxô, Meniën, Masakará), as quais se falavam até a primeira metade deste século no sul da Bahia e no norte do Espírito Santo; e de todas as línguas da família Coroado (Coroado, Puri, Coropó), faladas pelo menos até o fim do século passado no leste de Minas Gerais e no oeste do Espiri-

to Santo e do Rio de Janeiro. Desapareceram também todas as línguas da família Kariri, mas de duas delas temos boa documentação do fim do século XVII e do início do século XVIII; trata-se do Kipeá (ou Kiriri) e do Dzúbukú, aquele do norte da Bahia, este das ilhas do São Francisco. Da família Botocudo tenta-se hoje, com grande dificuldade, obter um conhecimento da língua dos poucos sobreviventes que restam de dois de seus povos, os Krenak e os Nakrehê, desarticulados e dispersos pela ação violenta dos que ocuparam suas terras e das próprias agências governamentais.

Podemos distinguir nos componentes do tronco Macro-Jê um conjunto a leste da família Jê, formado pelas famílias Coroado (Puri), Botocudo (Krenak), Maxakali, Kamakã e Kariri e mais a língua Yatê (Fulniô), e outro conjunto a oeste daquela família, formado pela família Bororo e pelas línguas Ofayé, Guató e Rikbaktsá. A família Karajá, no Araguaia, situa-se entre dois subgrupos da família Jê, o Kayapó a oes-



te e o Akwên a leste. Essa é, entretanto, uma distribuição puramente geográfica; não temos até agora evidências de que as línguas mais a leste ou mais a oeste apresentem

maior afinidade entre si. No quadro abaixo damos algumas evidências do parentesco que une as línguas do tronco Macro-Jê como um conjunto:

	pê	braço	flecha	mel	figado	meu	teu	dele	dele mesmo
Apinayé	par	pa		meñ	ma	i-	a-	i-	
Xavante	paara	pa-no		pĩ	pa	ĩ-	a-	ti-	
Kaingáng	pên	pê		mãg	-mê	ĩñ	ã	ti	ã
Maxakali	pata		pói	pang		yk-	ã-	ty-	
Kamakã	wade		wã			eh-	a-	ĩ-	
Coroado	txa-pere		pun			ẽ-			
Nakrehê	pô	pô		pâng			a-		
Yatê	fe-, fet-					i-	a-	e-	ta-
Kipeá	by, byri-	bo	buiku			hi-	e-	i-	di-
Karajá	waa		wyhy				ã	i-	ta-
Bororo	byre					i-	a-		tu-
Ofayé	far	fê		fyk	fa	x-	ẽ-	y-	
Guató	bô	po		pagwa	pe		i-		
Rikbaktsá	pyry	txipa		mêk-		ik-	a-	i-	ta-

Somada a diferenciação maior entre estas línguas à deficiente documentação de muitas delas, torna-se extremamente difícil compor séries completas de palavras provavelmente cognatas (isto é, com a mesma origem). A série para "pê" é praticamente única, com palavras de todas as línguas consideradas. Essas palavras são tidas como (possivelmente) cognatas porque (a) sua constituição fonética permite supor que sejam todas derivadas por modificações graduais de uma só palavra de uma língua ancestral (neste caso, uma palavra cujo primeiro som fosse uma consoante labial como p ou b, o segundo som fosse uma vogal central como a ou y e o terceiro e talvez último som fosse uma consoante dental como r ou d ou t); (b) seu significado é básica-

mente o mesmo ("pê"); (c) as modificações fonéticas em cada língua se repetem regularmente em outras séries (veja-se que as consoantes iniciais de "pê" são as mesmas de "braço" e de "flecha" em cada língua). As lacunas nas demais séries devem-se ou ao desconhecimento da respectiva palavra (p. ex., ignoramos como se dizia "mel" em Kipeá e "figado" em Kamakã e em Coroado), ou a que a respectiva palavra não é cognata das que figuram na série (p. ex., para "flecha" o Kaingáng tem no e o Yatê tem ekaa). Às vezes é possível que a palavra cognata exista na língua, mas com o significado parcialmente mudado, o que é em geral difícil de constatar. Pode ser, p. ex., que a palavra cognata da palavra "flecha" em Maxakali e outras línguas (cuja

forma da língua ancestral teria uma consoante labial seguida de uma vogal posterior como u ou o, seguida está de uma consoante palatal, semelhante ao i final do Maxakali, do Kamakã e da primeira sílaba do Kipeá) seja, no Kaingáng, a palavra puñ, que ocorre na expressão puñ ke "sair de repente, com pressa", literalmente "fazer (como) puñ"; isto poderia ser, originalmente, "fazer como flecha" (se verdadeira esta hipótese, o som final de puñ, que é uma consoante nasal palatal, concilia-se tão bem como o i final da maioria das outras palavras da série, quanto com a consoante nasal do Coroado pun). Também é possível que a palavra do Bororo para "arco", boiga, seja constituída originalmente de bo ou boi + iga "(de) flecha arco", já que na mesma língua iga (alternando com ika) é o termo para "arco" em expressões compostas (p. ex., djure ika "arco-de-sucuri", Okoge é - iga "arco de dourados"); boi - ou bo) se encaixaria bem na série para "flecha", da mesma forma que puñ do Kaingáng. Se acrescentarmos a palavra para "pedra", veremos que o f do Yatê fowa corresponde regularmente ao p do Kaingáng po.

As demais palavras no quadro mostram a concordância entre os elementos gramaticais que indicam os possuidores de 1ª, 2ª e 3ª pessoas. As línguas do tronco Macro-Jê distinguem duas terceiras pessoas, uma delas reflexiva ("dele mesmo"). O Kaingáng aparentemente deslocou o uso reflexivo para o não reflexivo.

Após essas indicações sobre o possível parentesco das línguas atribuídas ao tronco Macro-Jê,

vejamos um quadro informativo das línguas que ainda hoje se falam. Os dados demográficos são essencialmente os do censo publicado no PORANTIM de abril de 1982, com algumas exceções. Para os Kaingáng a situação é especialmente problemática: para vários postos indígenas o censo engloba um só número os Kaingáng, os Guarani e os Xoklêng; deduzidos os números de Guarani e Xoklêng de que dispomos em outras fontes, o total de Kaingáng resulta muito mais alto que o de outras

estimativas; optamos por um termo médio que é 9.000 + -2.500. Note-se também que os números do censo se referem à população e não estritamente a falantes; no caso dos Xakriabá, com uma população considerável, não sabemos se ainda há falantes da língua. As abreviaturas dos centros de estudos são: M = Museu Nacional, P = Universidade Federal de Pernambuco, S = Summer Institute of Linguistics, U = UNICAMP; o asterisco indica que a língua está sendo estudada por linguista não filiado a essas instituições.

LÍNGUAS DO TRONCO MACRO-JÊ

	Nº no mapa	Estado	Falantes	Estudo
Família Jê				
Grupo Timbira				
Canela Ramkókamekra	46	MA	800	S
Canela Apâniekra	46	MA	400	
Krahô	48	GO	820	
Krikati (Krikati)	45	MA	312	
Gavião (Pukóbie)	43	MA	251	
Gavião (Parakáete)	60	PA	109	
Apinayé	44	GO	450	* M S
Grupo Kayapó				
Kuben-kran-kegn	50	PA	385	
Kuben-kran-noti	51	PA	285	
Kokraimôro	56	PA	120	
Gorotire	57	PA	521	
Xikrin	58	PA	298	
Txukahamã	201	MT	284	S
Kren-akarôre	196	MT	85	
Tapyúna	200	MT	45	
Suyá	197	MT	138	
Grupo Akwên				
Xerente	49	GO	1.264	S
Xakriabá	20	MG	3.150	
Grupo Kaingáng				
Kaingáng	2, 3, 4, 5	SP, PR, SC, RS	9.500	U, S
Xoklêng	5	SC	270	* S
Família Maxakali				
Maxakali	17	MG	400	S
Família Botocudo				
Nakrehê, Krenak	21, 15	SP, MG	150	U, *
Yatê (Fulniô)	30	PE	3.209	P, S
Fam. Karajá				
Karajá	204	MT, GO	1.720	S
Javaé	205	GO	302	
Xambioá	47	GO	70	
Família Borôro				
Bororo oriental	183	MT	626	S
Umutina (Barbados)	181	MT	120	
Ofayé (Xavante)	13	MS	23	(S)
Guató	182	MS	335	U, P
Rikbaktsá	174	MT, RO	400	S



Kaingáng (Nonôai - RS): o grupo mais diferenciado da família Jê